

ENTREVISTA

A umbanda é um livro que se folheia: uma conversa com a Cabocla Mariana na croa de Mãe Rita de Oxóssi

Hermes de Sousa Veras

Doutor em Antropologia Social e professor substituto do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Revisitar essas conversas com a Cabocla Mariana recebida na *croá* [coroa, ori, cabeça] de Mãe Rita de Oxóssi é voltar para São João de Pirabas e a complexa vida tecida e articulada desde a encantaria nessa cidade amazônica. Volto para as palavras da Cabocla Mariana com saudades do tempo em que convivi com os terreiros de Pirabas, com suas gentes e seres. Se apresento a conversa, dessa vez, com a própria encantada, o faço ancorado na vontade da Cabocla Mariana, de Mãe Rita e de mais algumas pessoas que vivenciaram esse momento. Nossa pedra de toque, também, é a antropologia que aprende na convivência a ouvir as vozes apontadas como importantes. Tal como uma pessoa antiga e sábia, a Cabocla Mariana foi apontada como uma porta-voz pela comunidade do terreiro, agora denominado Templo de Umbanda Afrorreligioso de Povos Tradicionais de Matriz Africana de São João de Pirabas/PA – Cantos de Cabocla Mariana e Pena Branca.

Antes de partirmos para os dizeres encantados, apresento alguns detalhes que nos auxiliam na compreensão dessa conversa enquanto peça¹ antropológica.

¹ Peça no sentido bem criativo e amplo, dado pela Ana Clara Damásio (2022).

Primeiro, ela aconteceu dentro da pesquisa que realizei junto às comunidades tradicionais de terreiro e a encantaria de São João de Pirabas, região do salgado paraense (Veras, 2022). Enquanto participava da vida do terreiro de Mãe Rita de Oxóssi, aos poucos a sua cabocla e outros seres passavam a me conhecer enquanto antropólogo, aprendiam os meus objetivos ao mesmo tempo em que moldavam parte da pesquisa. Essa conversa, em específico, foi desenhando-se desde janeiro de 2019, até acontecer de fato no dia 7 de fevereiro de 2019.

Parte dessa conversa está descrita e inserida no contexto da minha tese de doutorado (Veras, 2022), entretanto ela aparece mais *crua*, no sentido de que é apresentada mais intimamente ligada com a forma de como foi gravada, transcrita e escrita no diário de campo. Se na tese as falas da Cabocla Mariana estão conectadas com os propósitos gerais de uma antropologia da convivência com seres encantados, essa conversa vai ser apresentada pelo enredo formado pelo terreiro, as pessoas que estavam comigo no dia dessa conversa e das variações desse ambiente. Embora seja uma peça voltada para a escuta e conversa com a Cabocla Mariana, é um propósito paralelo dessa peça a experimentação com a linguagem encantada da cabocla, e por isso, da própria linguagem encantada afro-brasileira. Trazer a conversa destacada, fora do contexto da tese, é uma forma de despertar o interesse para essas palavras de Cabocla Mariana, que dentro do jogo da tese talvez tenha se dispersado em sua força.

Embora falte espaço para outras elaborações, a conversa é o próprio experimento e ela está inspirada na etnopoesia de Fichte (1987), no sentido criativo, literário e experimental da linguagem encantada afro-brasileira. Pelas maneiras de como fazem suas pesquisas e as contam em suas etnografias, Vania Cardoso (2007, 2013) e Jim Wafer (1991) são inspirações para essa escrita. Por conta dessas influências e formas de se ouvir uma encantada com o intuito de aprender algo sobre nós, o mundo e outras questões da existência, apresento essa peça dentro do presente dossiê, “Conviver com orixás, entidades espirituais e seres encantados: etnografias junto a religiões de matrizes africanas, indígenas e encantadas”.

Essa conversa, portanto, apresenta um momento específico da relação que foi possível de ser estabelecida com a Cabocla Mariana. É óbvio que outras conversas aconteceram, mas da forma como essa se deu, com hora marcada pela entidade, dentro de um dia corriqueiro no terreiro, com filhas e filhos de santo e ogãs da casa escutando os dizeres da encantada, não. Em São João de Pirabas, a principal

festividade do calendário afro e encantado é para Rei Sabá, no dia 20 de janeiro. Por conta dos preparativos e da agitação que antecede o principal festejo afro da cidade, Mãe Rita e as encantadas Tóia Jarina, Cabocla Mariana e Herondina, foram me iniciando no cotidiano do terreiro e me colocando enquanto ouvinte, fazendo com que eu esperasse a festividade passar para que conversássemos com maior tranquilidade. Assim, as três encantadas citadas, que na mitologia da cidade, ou pelo menos dos terreiros com quem conversei, são “irmãs”, foram dando a permissão para que a pesquisa fosse feita e entraram em consenso para que Cabocla Mariana fosse a responsável para me apresentar, na linguagem encantada, elementos da encantaria, da umbanda e do próprio terreiro.

Assim, a partir de fevereiro, Cabocla Mariana disse que conversaria comigo e entre solicitações de que Mãe Rita preparasse *passes* e *banhos* para o meu cuidado espiritual e para que a pesquisa fosse bem-sucedida, Cabocla Mariana, finalmente, revelou que conversaria comigo em uma quinta-feira, às 15 horas, “pois ela estava me devendo uma conversa”. Eu deveria me apresentar na hora e dia marcado com o gravador e sua “espumosa” (cerveja). Segundo consta em meu diário, levei seis latinhas da cerveja de marca “Nevada” para a “turca encantada”. Obviamente, por falta de melhores condições financeiras, pois se pudesse teria oferecido uma cerveja de melhor qualidade.

Como as cervejas foram compradas em um mercadinho que ficava na principal via da cidade, falei com um mototaxista e rumamos para o terreiro de Mãe Rita. Cheguei, pontualmente, às 15 horas, mas como a conversa com a Cabocla Mariana seria dividida com uma consulta dedicada a alguns moradores de Boa Vista, região da cidade de Quatipuru, a sessão só começou quase duas horas depois. A sessão começou com os cumprimentos de Mãe Rita, os abatazeiros e todas as pessoas envolvidas. Mãe Rita, então, chacoalhou o seu sinete e entoou seus cânticos de abertura, até receber o caboclo 7 Flechas e, em seguida, após algumas falas e procedimentos rituais, a Cabocla Mariana.

Como o foco é a conversa e os preparativos que Cabocla Mariana solicitou para que me contasse algumas palavras encantadas, vou usar um atalho e só mencionar o que foi solicitado pela encantada para que a conversa que apresento a seguir, acontecesse. Primeiro, Cabocla Mariana pediu para uma jovem filha de santo da casa dar “sete descargas” em mim, que consistia na queima de sete pacotinhos com pólvora. Entre um pedido e outro para alguma filha e filho de santo, Cabocla Mariana foi soltando suas palavras. O que apresento é essa *correspondência*.

Palavras e conceitos impregnados no contexto da etnografia, serão explicitadas e relativamente traduzidas entre colchetes, que também serão utilizados para o acréscimo de informações ou detalhes da própria gravação e transcrição.

No querebentã com Cabocla Mariana



Cabocla Mariana na "croá" de Mãe Rita de Oxóssi, ao lado de Dona Caçula" Fonte: acervo do autor

Cabocla Mariana: – Mandeí Jarina, até agora não me apareceu. Deve tá bem na..., ou tá lá ou deve tá lá sentada do lado do Rabudo. É o que ela sabe fazer. [Rabudo é umas das formas como a Cabocla Mariana na cabeça de Mãe Rita denomina o Rei Sabá, rabudo por conta dele se manifestar, às vezes, como uma cobra].

Hermes: – O Rei Sabá está na Praia do Lençol [Maranhão] ou na aqui na Praia do Castelo?

Cabocla Mariana: – Ele vem, ele começou a voltar, pra cá, né? Para essa Praia do Castelo, aqui. Mas ele gosta de ficar no lençol, nos lençóis maranhenses, né? Como

chamam. Mas ele tá vindo. Tá chegando. Ele se afastou daí, porque agora não, era muita baderna antes. Não era respeitado. Aí fica mais lá, mas agora tá voltando.

Hermes: – Ele tinha se afastado por quê?

Cabocla Mariana: – De baderna, muitas coisas fora do normal, aí, na pedra aqui [a pedra encantada de Rei Sabá]. Hoje parece que está ganhando mais respeito, porque antigamente anos atrás, perdeu o respeito pela pedra, né? Pelo que [rei?] sentamos lá. Aí ele só vem quando tem o festejo dele mesmo, mas agora ele está vindo direto. Acho que ele está até morando por aí. Uma hora ele tá aí, uma hora ele tá lá.

[Intervalo de tempo]

Cabocla Mariana: – Agora não, você vê mais respeito. Mas antes meu filho, você tinha muita falta de respeito aí nesse... Tanto pessoas que não lhe recebiam, quanto pessoas que tinham o santo e não respeitavam a sua missão. Porque só vestir uma roupa branca ou qualquer cor, não adianta você vestir se você não vestiu a entidade que você quer receber. Uma coisa é você vestir uma roupa e receber entidade [...] uma coisa você, só porque está vestido, acha... Eu gosto de tudo bonito, mas eu baixo em cabeça de pessoas simples, que não tem uma vestimenta para me vestir, para me receber. Mas a força, o anjo daquela pessoa que me importa. Como diz nossos caboclos, o cavalo é quem nos importa. Não é a vestimenta, claro que eu gosto de estar sempre bem-vestida. Mas tem pessoas antes, alguns anos atrás, porque achavam que vestiam uma roupa de... Porque vestimenta bonita não veste, pra mim, zelador de santo. Você pode vestir a, o zelador pode vestir a melhor roupa mas se ele tiver fingindo por de trás daquela roupa, pra mim ele não é zelador. Porque fingir que pega caboclo, finge... Às vezes tem.... Terreiros de anos que eu já vi! Muita, eu já vi muita coisa nessa vida de vocês. Pessoas que tem a missão, que tem a noção da missão, tem o fundamento do santo, mas leva na brincadeira. Como se veste uma roupa que você põe... Isso aqui [pegando nos fios de contas] é sagrado pra mim. São guias, são coisas que tem que ter. Às vezes o pai de santo tem uma simples, fio de conta que chamam, né? Mas a força dele vai ser maior que um pai de santo que tá com 7 guia dessa aqui, e não dá conta do recado, como diz no mundo de vocês.

Pra ser zelador de santo a pessoa tem que ter amor pelo chão que pisa, templo, querebentã, ou como se chama. E respeito, entendeu? Ele tem que ter a cabeça no lugar. Porque quando se quer ser zelador de santo você abre mão de muita coisa. Você já não vai fazer coisas que você fazia antes. Porque requer um respeito, requer

um resguardo seu. É... Tem uns que vão pra gira para trabalhar, uns que vão para brincar. Tem uns brincadores do santo, né? Que bebe uma espumosa e dizem que tá encabocado. É muito fácil descobrir quando tem caboclo, quando tem entidade ou não tem. É a coisa mais fácil do mundo. Então por esse motivo ele se afastou, também pelos zeladores que não estavam se dando o respeito, também pelas pessoas que acompanhavam que não davam o respeito. Mas é muito... Desde quando aquela senhorinha se foi [Maria Pajé, umas das principais lideranças locais], que... Era uma boa trabalhadora, mas quem chefia ela era Herondina. Era de Herondina com 7 Flecha. Era uma zeladora de grande respeito e de grande coração. No querebentã dela só entrava quem ela permitisse. Podia chegar o rei lá na porta, mas se ela dissesse que não ia entrar, não ia entrar. Se ela dissesse que ela lhe queria seis horas, o senhor tinha que tá lá seis horas. Se passasse de seis ela não lhe atendia mais, porque quando você acende um ponto, [inaudível] tem que acender às seis.

Todos os pontos têm força, todos os pontos, firmando o ponto aqui, ele tem as horas. Tem que ver um ponto meio-dia, a pessoa que tá meio-dia. Então depois que ela fez a passagem do mundo espiritual, ficou muito, como dizem na palavra de vocês, avacalhado o negócio, né, ficou muito largado. Ninguém tinha mais respeito, ninguém carregava mais o andor do santo pra praia, só queria ir lá, levar um tambor, uma boroia debaixo do braço, bater um tambor, rodar que nem um bando de doido, rodam não pegam porra nenhuma. Né? E acham que isso tá bom. Quando você entra na missão você tem que tá sua casa, seu corpo, fazer por merecer.

Fundamentos de umbanda, de pena maracá, pena maracá é o que a minha filha é [pena e maracá é uma linha da encantaria, por vezes, denominada pela literatura antropológica de pajelança cabocla]. Cura, desenvolvimento, abertura de caminho, ela já não faz magia negra. Ela tem as outras linhas dela, mas é uma doutrina que ela nunca quis. Então quando você se entra prum centro, uma casa de umbanda, um templo, uma tenda, né? Uma casa espiritual como dizem as pessoas por aí, né? Tem que saber entrar e saber sair. Por isso que tem pessoas que quando deixam a missão, elas largam por conta própria. Largam a missão, não quer saber, sai quebrando o santo tudo no terreiro, aí nós aqui, os caboclos aqui não prestam mais! Mas prestou um dia. Não souberam colocar nós no altar, por que não sabem devolver? O que é do mato é do mato, o que é da encruza é da encruza, o que é das águas é das águas, por que que não devolve, por que que quebra? Está aqui nossa imagem, é gesso que chama o nome disso, né? Esse negócio que faz. Mas ali está

nossas forças, ali tá as forças de um caboclo índio, duma cabocla guerreira, duma cabocla de muito axé, duma cabocla de muita... Você pode acender a candeia que você quiser. Mas se você não tiver fé naquilo, ela não vai funcionar. Se não tiver respeito e resguardo pela aquela situação, por aquele momento. Hoje o pessoal estão indo muito pro candomblé. Eu concordo... Hoje ninguém quer mais tá num chão batido. Tem gente que acha que caboclo é luxúria. Claro, se eu dou condições, se você é um médium e eu lhe dou condições para você se vestir bem, pra me receber, com certeza eu quero que você me receba muito bem-vestida, né? Mas tem zeladores e zeladores de santo que querem aparecer, querem serem mais que os outros. Pra mim não funciona assim.

Hermes: – A senhora gosta muito de chamar o nome de querebentã, né, também?

Cabocla Mariana: – É que é o querabentã, o casebre, a casa, o querebentã onde o povo coloca suas imagens, seus pontos de força. Hoje você vai ver coisas que é muito difícil você se encontrar... aí, aqui no mundo de vocês, um templo com um chão assim. Quase ninguém quer, pena e maracá, quem tem não quer ter, e quem não tem quer ter. Então o fundamen... Hoje ninguém quer trabalhar mais com o tauari [cigarro feito da casca do tauari, uma árvore muito importante para diversas nações indígenas]. Que eu acho que são coisas da pajelança, força mesmo.

[começa a chover]. Antigamente chamavam o pajé, né... Antigamente, só era feito as sessões disso aqui depois das dez da noite. Era proibido fazer durante o dia porque achavam que tavam profanando pro inimigo. Era proibido. Se o vizinho visse um ato de incorporamento ele ia lá e denunciava. Hoje não. Hoje tudo evoluiu. Mas antigamente só era depois de dez horas depois que todo mundo tava calado que o pajé, o mestre ia pra lá com seu maracá, batia, batia, num copo de [incompreensível: angla?], batia, recebia a entidade. Hoje não, você já faz... o zelador da doutrina já faz durante o dia, já tem mais conhecimento. Quem não conhece que vai criticar sempre, né? Nunca viu, nunca viu. Às vezes o zelador paga pro outro. Porque na casa daquela zeladora fizeram ritual de magia negra e acha que toda casa é assim. Não é assim. Todos os zelador tem as armas na mão. Tanto de fazer o bem, como fazer o mal. Quem decide é [ininteligível]. O Exu Caveira abaixou aqui, o senhor manda fazer uma maldade ali para a senhorinha. O exu só fez porque o senhor mandou! Porque ele não ia fazer de espontânea vontade. Então tem gente que acha que exu é uma coisa do mal. Não. Ele faz aquilo o que manda ele fazer. Se você não deve nada a exu, [...] por que ele vai fazer uma maldade, por que vai trancar sua vida? Mas se ele for

mandado... ele faz? Não é ele que faz. Exu não tem... Ele joga... as demandas aí pro tempo, pros espíritos malignos pegar.

Esse festejo aí do Rei Sabá, do Pai Velho, isso, cada lua que passar vai vir mais gente. Cada lua que passar vai chegando mais gente. Chegando mais gente. Vai vindo mais zeladores, mais pessoas que por curiosidade querem conhecer, por curiosidade ficam, acabam seguindo a missão, pra ser, pra ficar olhando, uns vem só pra ver mesmo. Mas cada vez mais, cada ano que vai passando, vai ficando mais reconhecido. Isso aí tava... A pedra do Pai Velho estava apagada. Quase ninguém falava mais nela. Estava apagada.

Hermes: – Ele quer que venha mais gente, então?

Cabocla Mariana: – Quanto mais gente vier... é melhor, porque a pedra... Nós caboclos, precisamos de quê? De pessoas do mundo de vocês. Porque eu não vou baixar só pra ninguém. Vou abaixar só pra olhar pra cara da parede? Não. Eu gosto de conversar. [Intervalo da fala, barulho de uma nova latinha de cerveja sendo aberta, seguido por alguém servindo Cabocla Mariana].

É, onde fica a pedra, do Pai Velho, ela tem... a metade da ilha, ela é encantada. Tem caboclos daqui, caboclos desta pedra, pessoas que foram encantadas [...] aqui. Tem uns que sumiram na pedra e se encantaram. Tem uma ponta de encantaria muito grande aqui, na cidade. Muito grande. Tem uma ponta de encantaria muito grande. Os antigos são bem conhecedores. Antes tinha pescadores que me via na... eu sentada, como sempre, né? [Trecho difícil de entender, mas a Cabocla Mariana faz referência às duas embarcações que são cantadas em alguns de seus pontos] olhando o navio, as embarcação passar. Hoje eu fico pouco, né? Mas antes, muito antigos me viam... não que eu seja velha, eu não envelheço não.

Mas tudo eu respeito. Precisa ganhar o respeito. Antes era caruana que chamava, né? Olha, a caruana Mariana tá no fulano. Caruana, né? Os antigos chamavam de caruana.

Hermes: – Chamavam a senhora de caruana também?

Cabocla Mariana: – É, os antigos “olha a caruana! Eu fui lá na pajelança e tava a caruana Mariana”. Olha que coisa, palavra dos antigos: caruana. Hoje é caboclo, entidade, né? É que foi evoluindo com o tempo. Tudo vai se evoluindo, tudo, tudo se evolui. Toda... Todo candomblecista já foi pé no chão. Pra você ser do candomblé você tem

que passar pela umbanda, você tem que passar pelo pena e maracá. Tem uns não, que vão direto pro candomblé e esquecem que antes do candomblé existia a umbanda, pé no chão. E é assim que funciona. Candomblé hoje se paga preceito de 7 anos, que passa 14 anos pagando preceito pra [inaudível] . Eu acho os candomblecista, eu acho uma nação, ketu, jeje, eles são muito... eles dão muito valor no que eles cantam. Tanto que, você já foi num festejo de candomblé?

Hermes: – Eu assisti um em Porto Alegre, né, não era bem candomblé mas era Oyó que se chamava. Batuque Oyó a nação.

Cabocla Mariana: – Você vai num festejo de candomblé, você... eles fazem uma festa pra caboclo que mais parece uma festa prum príncipe, uma rainha. Que as festas são lindas. Eles dão valor naquilo que eles têm. Mas a maioria teve que passar pelo pena e maracá. Existe zeladores de santo, existe o brincador do santo. O zelador é aquele que tem respeito. Tem o pé no chão, sabe que tem que ter respeito e sabe que tem que fazer por merecer. E o brincador do santo, quando não tá brincando, depois que se incorpora, ele vai embora. Caboclo sai dele, o santo irradia... Tem casas, casas, né? Querebentã, casas, templos de umbanda, que a entidade passa sete ano radiando o filho para poder incorporar. Tem casas que o filho tá com três meses incorporando. Mas isso não quer dizer que ele incorpora, isso não quer dizer que ele tem mais força que o outro, isso aí é mentira. Ah, fulano entrou numa casa, com tantos anos naquela casa ele não incorpora. Fulano entrou ontem, incorporou... Isso não quer dizer que ele tem mais força do que o filho que é irradiado. Pra mim, isso não existe. A entidade irradia um filho dele, sete anos. Vai irradiando. Com sete anos, irradia. Aí sim, ele vai saber a hora que ele tem que sentar no ori daquele filho. Ele tá radiando... cada irradiação que ele dá pro filho, são forças espirituais, forças! Boas pro filho. Chega uma hora eles vêm, eles veem mesmo. Receber caboclo de mais prejudica e receber caboclo de menos também prejudica. Tem filho de querebentã novo na missão que já incorpora, se precisar vai incorporar todo dia. Faz mal, porque fica com o ori fraco, e fica assim... todo caboclo tem sua linhagem. Eu tenho minha linhagem, de Mariana, Jarina tem o dela, Herondina tem o dela. São radiações.

Hermes: – E vocês, no caso, são irmãs?

Cabocla Mariana: – Somos três irmãs das línguas ferinas, né? Eu, Mariana, Herondina e Jarina. Jarina é a que é mais menina, é a que mais fica com o Pai Velho. Herondina ganhou as matas, aí [inaudível] é bem mais velha, a Herondina. Eu gosto mesmo é da

Turquia [a sua encantaria], eu gosto mesmo é de tá em cada lugar. Eu sou uma cabocla viajante, o senhor num sabe? Gosto de tá num... vou sim, na encantaria de meu pai. Chamo de pai [inaudível], vou. Mas é, eu gosto de tá um dia em cada lugar, Jarina não, fica sempre pra lá, Jarina sempre vai tá perto dele, sempre ficou do lado dele. Sempre. Sempre. Jarina é traíçoeira, o senhor não sabe quem é Jarina! Filhos de Jarina são muito bom, dócil. São as boas do coração, mas quando ele vira de quimbanda não tem diabo que segure. Tem uns filhos aí. Já o de Herondina, ele já é desgarrado por natureza de Herondina mesmo, sabe? Ele deixa babuje [comida] do almoço, né? Outro no jantar. Os meus filhos, eu acho que meus filhos se parecem, eu acho. Minha filha [...] eu acho que ela não tem... eu acho que ela tem mais de Herondina do que de mim. Que também tem mais de Jarina. Ela tem mais de Jarina. A minha filha tem mais de Jarina. Porque ela é doce, doce, doce, doce! Ela... minha filha é igual cobra. Ela vai rodeando a presa dela, ela sabe a hora de dar o bote. É um defeito e uma qualidade, qualidade dela porque quando ela é amiga, ela é amiga. Mas quando ela se embuceta, hum! Eu ainda não vi. Cada zelador... só vai existir uma Mariana, uma Jarina e uma Herondina, se tiver duas Marianas, um tá fingindo que tá me pegando, me recebendo, que não existe duas Mariana. Eu posso desincorporar daqui e baiar em uma cabeça lá na cidade grande. Também posso desincorporar de lá e vir aqui, mas uma gira que tem duas Mariana tá errado, só existe uma.

O fundamento da umbanda, pajelança, eles são bem claro. É humildade acima de tudo, você tem que fazer tudo por amor. Se você vai receber em troca do que você está ajudando, isso já é com a pessoa. Eu acho um absurdo. Eu acho, né? Eu acho mesmo. Uma pessoa que cobra pra, dizem, pra fazer o santo da pessoa. Lógico que você pedir uma quantia em bandeira [dinheiro] pra comprar uns banhos, eu acho justo, mas você cobrar o que foi dado de graça, eu acho um absurdo. Esse é meu entender, não estou criticando outros terreiros, mas esse é meu entender. Se eu ganhei de graça, eu posso dar de graça. Se fosse pra dar tudo pra Oxalá o que ele dá pra vocês, não tinham como pagar. Por isso que se recolher pro roncól [roncó, a camarinha], prum quarto fechado, pra uma esteira, você tem que tá ó, com isso aqui limpo [apontando para o ori]. É por isso que nós proibimos, tanto entidade, como zelador de santo, de ter fuxicado [relações sexuais], de ter ligação com o mundo lá de fora, que quando você recolhe, você está recolhendo espiritualmente, para você ganhar energias positiva, né? Coisas boas. Aí o povo recolhe, depois tá com o pensamento lá fora e aqui dentro. Aí dizem, olha passei anos na, no terreiro de fulano e não

consegui me desenvolver, não fui pra frente. Não é culpa do zelador, é a culpa da pessoa mesmo que não quer compromisso com a missão. Porque não adianta o zelador afirmar ponto, e fazer [inaudível], o filho e a filha... não querem compromisso com a missão. Quando se recolhe pro anjo da guarda, se recolhe pra... pegar as forças das entidades que tem que pegar, tem que ter a mente bem calma também.

Hoje, os jovem, é... recolher jovem hoje em dia, o terreiro que eu vejo mais jovem é o meu e o dela, e do Pai Pingo. É um terreiro que vejo bastante jovem. Os outros não querem, outros zeladores de santo não querem.

[Interrompida pelo pessoal do terreiro].

Cabocla Mariana: – Então é assim que funciona, tem que ter muito compromisso. Tem que ter muita fé. Hoje os jovens pra ser da missão vão ter que separar muita coisa, o que é do mundo e a missão. Tem pessoas que não consegue ficar longe do mundo, né? Você falar com um jovem que está acostumado a passar todo dia no mundo aí, se passar sete dia no recolhimento ele vai é morrer.

Hermes: – A senhora chama Rei Sabá de pai velho. É um pai mesmo, ou seria mais como um pai espiritual?

Cabocla Mariana: – Nós fomos encantadas por ele. Fomos encantadas. Eu fui encantada por ele. Nunca me conformei, aceito. Sempre fui a mais de todas as duas. Sempre rebatia. Mas me conformei. Mas chefiou a casa das duas: tanto de Jarina, quanto de Herondina. Somos três irmãs das línguas ferinas. Jarina tem o pensamento dela, eu tenho o meu e Herondina tem o dela. Então fomos encantadas por ele, pelo uma... hoje, hoje já, o portal da encantaria, ele pode tá nessa pedra aqui [apontando para a pedra-assentamento que está do seu lado]. Aqui pode ser um portal da encantaria. Se é, eu num vou lhe dizer. Se é. Mas essa pedra pode ser um portal da encantaria. Quando queremos encantar uma pessoa, nós encantamos, não adianta nem brigar, porque quem queremos encantar, vamos encantar. A encantaria se tá num pé de samambaia, numa poça de água, qualquer pode ser um portal da encantaria, você pode entrar lá e quando você abrir os olhos tá lá numa encantaria de Rompe Mato, de Jurema.

[Uma das ogãs da casa, nesse momento, interrompe e diz:] Ei Dona Mariana, a irmã lá daquele rapaz que era cego que hoje não é mais cego, mandou dizer pra senhora, que se a senhora poder dar uma visitada no rapaz que era pra vir pra cá, pra senhora fazer o tratamento no irmão dela, porque ele foi muito mal pra Belém, tá muito mal lá. Viu, quando a senhora puder...

Cabocla Mariana: – Deixe o nome dele aqui no altar...

Ogã: – Mas não, ela não me deu o nome dele, ela deu um nome de um rapaz que é pra senhora olhar e... É esse nome aqui que ela deu pra senhora dar uma olhada e me dizer. O irmão dela foi muito mal pra Belém, que era pra fazer o tratamento da perna.

[Cabocla Mariana pega o papel com o nome e pede o maracá. O sacode e diz:]

– Esse moço é o quê?

Ogã: Eu não sei, ela só me deu o nome e pediu pra senhora olhar.

Cabocla Mariana: [Depois de muito balançar de maracá] Deixe no altar. Negócio tá feio aí, viu.. Negócio tá pegando. [E ela retoma a conversa comigo]: Então é isso que... São as coisas da encantaria. Tem caboclo de encantaria que nunca nem se encontraram. Família de Légua é bem grande. É bem bastante grande. Bem... Zé Raimundo é um turco, mas se alegou na família de Légua. Zé Raimundo era turco, mas ele gostou da sem-vergonhice [...] duma cachaça. Da família de Légua. Herondina é uma guerreira que gosta de andar sozinha, sempre gostou de andar sozinha. Uma guerreira sozinha.

[Uma outra pessoa presente, pergunta]: Ela é turca ou é índia?

Cabocla Mariana: Guerreira. Das Mata. Jarina se tornou juremeira, mas gosta de tá perto do... gosta de tá nos lençóis maranhenses. Eu gosto da Turquia mesmo.

Hermes: – Onde é a Turquia? É o mesmo país que temos aqui no nosso mundo?

Cabocla Mariana: – Muitos anos atrás, quando vivia no mundo de vocês. Tapuia foi uma moça, uma índia velha que nós encontramos [Inaudível] que fez nós ver, eu, Herondina e Jarina, que nós pertencia ao mundo da encantaria. Ela nos fez ver que eu não pertencia mais àquele mundo, nós pertencia ao mundo da encantaria. Tanto quando eu cheguei numa aldeia de índio eu achei aquilo coisa de... Mas fui me acostumando. Fui... Sempre me adaptei com todos os, eu fui uma cabocla que sempre me adaptei em tudo. Sempre. Sempre tive a língua desse jeito, debochada [...], não vou mudar por ninguém. Eu fui me acostumando. Quando eu vi que eu podia incorporar num médium rodante, aquilo pra mim foi uma maravilha. Porque eu podia vivenciar o mundo que eu vivia através da incorporação. É por isso que quando tem festejo eu gosto de tudo... espumosa é meu. Pode não ter o tambor mas tem que ter espumosa.

Ogã: – Espumosas dela e roupas, é com ela mesmo.

Cabocla Mariana: – Jarina ficou encantada no meio da jurema, mas depois gosta de ficar perto do pai velho. Herondina gosta, é uma guerreira que ela prefere andar mais sozinha. É dela. E pode ver que os filhos de Herondina são de muito pouca amizade. Observe um filho de Herondina mesmo. Eles têm poucos amigos, mas são amigos verdadeiro. Os filhos de Herondina tem poucos amigos, filhos de Herondina, amigos de Herondina, são amigos verdadeiros. Filhos de Herondina são guerreiros, eles são guerreiros por natureza porque são de Herondina. Herondina é uma guerreira, ela não desiste fácil demais. E é uma cabocla de muito axé. Jarina é uma cabocla de muita luz [inaudível]. Eu sou assim.

[Pausa para mais uma taça de cerveja servida].

Mas sempre quem recebe Mariana vai receber Jarina, sempre quem recebe Jarina vai receber Herondina. Quem recebe uma recebe as três. Quem recebe uma de nós recebe todas as três. Um dia pode receber só uma, numa sessão receber uma e assim vai. São coisas nossa. No caso do cavalo aqui [Mãe Rita de Oxóssi] é outros caboclos pra vir baiar na croa dela. Outras cabocla. Joana Gunça... É filha... com Jarina, as forças, os assentamento dela. Mas por motivos que um dia talvez o senhor conheça, agora não, nós resolvemos mesmo, nós vamos doutrinar ela, chefiar a linha dela, baiar e trabalhar por ela. Ela não teve zelador de santo pra dizer pra ela o que ela tinha que fazer, tudo que ela aprendeu foi nós que ensinamos, tudo, tudo. De firmar uma candeia à um ponto. Antigamente ela cantava bastante pra nos receber. Hoje ela não canta mais. Tudo nós ensinamos a ela, tudo. Primeiro ponto, primeiro assentamento. Tudo nós que ensinamos ela. Tudo. Tudo. Candeia nós ensinamos, tudo. Banhos, tanto descarga como atrativo todos fomos nós que ensinamos. Ninguém veio aqui e ensinou pra ela.

Ela também não foi pra casa de zelador e recolheu pra aprender não. Nós ensinamos. Ela é médium de nascença. Nascença. Ela já nasceu com a mediunidade dela. Não precisou conhecer em outros templos, ela conheceu... ensinamos ela. Essa moça aqui ela é uma médium muito boa [apontando para umas das filhas de santo da casa], quando ela se entregar duma vez para a missão, quando ela se entregar, que ela se dedicar, ela vai incorporar muito bem, tantos caboclas de Légua, como caboclas de encantaria. Tanto da água como do mar. E vai ser uma boa trabalhadora. Mas ela precisa saber, precisa entender, que ela precisa disso, dela mesmo. Ela vai trabalhar muito bem. Quando ela incorporar.... O senhor já passou uma noite num

terreiro, já dormiu, para ver as vibrações dum templo? Venha dormir. Você precisa vir dormir. Eu lhe dou permissão para você vir dormir. Traga o seu embaladouro [rede] pra você sentir as vibrações num templo. Você está estudando né, meu filho? Você dormindo você vai ver como um templo na noite fechada, nas noites calma, ele se acalma tudo. Você precisa ver. Você vai escutar. Você seria um bom baiador,.. mas como... eu ia falar besteira agora. É, como foi coisas, tá, ele num vai ser baiador, eu vou cruzar o corpo desse moço aqui pra ele fazer, entender a missão mas de outro modo, sem baiar. Só fica no [inaudível] do saber. Noção das coisas. Hoje na umbanda não se cultua orixá, tem os orixás da umbanda, da pena e maracá mas não se cultua, no candomblé cultua. Você dormindo num centro, num querebentã, num centro de umbanda, numa [inaudível] de casa, você vai sentir as energias. Olha, você vai ter um bom aprendizado se você acompanhar. Porque começa segunda-feira, né, os rituais pros festejos dos meus filhos? Segunda-feira começa os rituais, então segunda-feira que vem ela fica direto aqui. A zeladora, minha filha. Direto. Ela vai na casa dela ou pra passear, num sei. Fica direto aqui. Você vai ver o ritual, de como ela recolhe o rapaz que vai recolher ele pra dar força no ori dele, o que é de Jurema, vai ser uma boa... [O rapaz é o Jeferson, um jovem também morador da região de Boa Vista].

Cabocla Mariana: – Quando chegar, recolhe. Vai ser uma boa missão pra você aprender. Você vê como que recolhe, você vê o ritual que acorda, vê como fica tudo. Você vai saber se explicar mais tarde lá na frente.

Hermes: – Eles vão ficar quanto tempo recolhido?

Cabocla Mariana: – Se ele entrar terça, que dia é terça-feira? Ele recolhe sete dias, fechado. Fechado. Recolhimento fechado, só sai do roncol pra fazer... como normal, ele vai dormir normal. Ele num vai fazer uma camarinha, ele vai recolher pra banhar o ori dele. Pra fazer o bori, como chamam. Aí sete dias ela tem que tá aqui. Como ele está em luto, né? Ela vai ter que acompanhar ele sete dias. Sete dia acompanhando ele. Porque com certeza ele foi num cemitério, né? Acompanhar a vizinha dele, num foi? Aí quando ele voltar ele tem que fazer um descarrego pra poder entrar. Pra não dar transição de caboclo com egum. Eu quero que receba é caboclo, não é egum. Você já conhece de ervas?

O senhor nunca conheceu? O senhor nunca estudou sobre as ervas? Pra que serve... Tem que ver um, ervas mesmo. Fazendo um banho de ervas. Pra ver pra que serve certas ervas. As candeias [velas] tem dois... as candeias têm duas necessidades. A

mesma candeia que abre o teu caminho, ela fecha o teu caminho. A caminha de força, assim como ela dá força, ela quebra tuas forças. A comigo ninguém pode, assim como ela te defende, também assim que ela te derruba. A espoca fora, assim como ela tira as coisas ruim, mas também ela trás coisas negativas. Todas as candeia ela tem dois... Você compra uma candeia de caminho branco, quero uma candeia abre caminho preta, claro que ela não vai abrir pro mal, vai fechar teus caminhos. As candeia tem dois fundamento. Assim como ela resolve também ela atrapalha. Depende de que maneira é feito. Muito banho de descarga pra médium é... não funciona. Se você banhar um filho todo tempo com descarga, vai tirar as forças dele. Descarga vai descarregando. Então um banho de descarga de quinze e quinze dias no médium, é sempre bom. Guias também tem que ter força. O certo é, como tem mãe pequena e pai pequeno no terreiro, o certo é recolher as guia [os cordões de fios de conta] de todo mundo, isso eu num digo, eles sabe, recolher as guias de todo mundo. Põe aqui numa água, com essência aqui quem tem a zeladora, põe lá e deixa as guia. Tem guias de filho que fede, tem guias de filho que fede a lama podre, por que aquela guia daquele filho numa água cheirosa, fede? Porque aquele filho está, não está fazendo coisas boas.

Aquele filho tá levando a missão em brincadeira. Senhor tá me entendendo? Tem guias que quebra numa gira, às vezes aquela guia quebrou porque estava defendendo aquele filho de alguma coisa que foi jogada, mas tem guias que quebra numa gira porque aquele filho tá fraco. É por isso que zeladores, ou zeladoras do santo, elas... é muito difícil você ver um zelador firmar com uma mulher, uma zeladora firmar com um homem. Só se entender a missão. Se não entender não fica. Porque tem que ter respeito. É... fazer uma coroação em um filho, coroar aquele filho porque tá no caminho certo. Pra fazer uma coroação dum filho do santo, dum zelador, um filho de santo, ele vai ter que ter a mente e o corpo limpo. Eu num sei se a senhora [perguntando a uma senhora presente no terreiro] concorda comigo, mas deve concordar. Um certo zelador de santo, zelador de santo, o certo, um zelador, uma zeladora de santo, que zela, que é o pai, uma mãe pequena, né? Uma iaô, essas coisas que tem nível com fundamento da umbanda, do candomblé, ele... se viver junto, é, não ter muita proximidade. Se afastar um pouco, assim, não ficar todo tempo, porque quebra as forças. Eu nunca tive esse problema com a minha filha, eu nunca tive, ela sempre... isso aí ela pode ter defeitos com outras coisas, mas em termos de... se eu pedir pra ela, hoje você não vai poder se encostar, pode até dormir, mas não pode se encostar no seu companheiro, ela leva normal. Porque ajuda na espiritualidade, ajuda. Então pra ser um bom zelador,

futuramente, um bom trabalhador, vai ter que abrir mão de muita coisa. Porque o mundo lá fora atrapalha o mundo espiritual. Né, então você sair daqui purificado, chegar lá fora você sujar o seu corpo, não adianta de nada. São coisas muito... Aliás a umbanda, o candomblé é uma coisa muito sobrenatural. Aquele moço que é parente da costureira [se referindo a um filho da casa, na época], ele vai muito longe. Muito longe. Um tempo desse ele pisou um pouco na bola, como dizem no mundo de vocês, ele quis meter os pés adiante das mão. Dei um castigo pra ele, chamei ele aqui e falei, ficou aí acho 24 horas de castigo. Agora ele tá indo certinho. Ele vai muito longe, porque ele tem noção, e tem amor na missão. Ele tem noção do que ele pode e num pode fazer, e tem amor na missão, e isso ajuda muito quem está se desenvolvendo na mediunidade, a crescer, a ser um médium muito grande.

Por que, por que os pais de santo que vem de fora, querem roubar minha mãe pequena de minha filha? Todos os pais de santo que vem de fora, os também que estão aqui, querem roubar ela dela. Porque sabem que ela é uma médium de muita força, tanto na cabeça como corporal, e labial e qualquer terreiro quer ela. Porque ela aprendeu, ela se entregou, entregou como, se entregou mesmo. E quando ela fazer o Ogum dela, ela não tem o Ogum dela aqui de ronda, ainda, que ela tem que ter o Ogum dela de ronda aqui. Quando ela tiver o Ogum dela de ronda, que ela arriar a obrigação pro Ogum dela de ronda... eu vou lhe contar como aquela moça vai crescer espiritualmente. Todos os pais que vem de fora, gostam dela. Que ela é uma moça que ela tem, isso aqui. A mente dela é aberta. Ela é curiosa pra aprender.

[um celular toca]

Eu vou dar uma subida mas eu já volto. Dê uma defumada no templo.

Nesse dia, Cabocla Mariana guiou uma pequena gira. Após a nossa conversa, pediu a todos que participaram do momento, que tomassem um banho de Oxalá, consistindo em um banho feito da “água do milho branco” acrescido de colônia *chama*, um perfume atrativo. Como mencionamos no início dessa experiência, a fala de Cabocla Mariana aparece aqui, quando possível, sem interrupções e reflexões externas ao seu próprio dito. O foco está em suas palavras, no encontro. Na sua apresentação da encantaria e da umbanda, que para ela é “um livro que se folheia”.

Referências

Cardoso, Vânia Zikán. 2007. *Narrar o mundo: estórias do “povo da rua” e a narração do imprevisível*. Mana 13 (2), p. 317-345, 2007,

Cardoso, Vânia Zikán. Marias: a individuação biográfica e o poder das estórias, in *Etnobiografia: subjetivação e etnografia*. Editado por M. Gonçalves, R. Marques, V. Cardoso, pp. 43-62. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

Damásio, Ana Clara. Isso não é uma autoetnografia!. *Mediações - Revista de Ciências Sociais*, Londrina, v. 27, n. 3, p. 1-14, 2022. DOI: 10.5433/2176-6665.2022v27n3e46479. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/46479>. Acesso em: 17 fev. 2025.

Fichte, Hubert. 1987. *Etnopoesia: antropologia poética das religiões afro-americanas*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

Veras, Hermes de Sousa. *Convivendo com seres encantados: encontros e percursos da encantaria de Rei Sabá em São João de Pirabas, Pará*. 2022. Tese (Doutorado em Antropologia Social) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

WAFER, Jim. *The Taste of Blood: Spirit Possession in Brazilian Candomblé*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1991.